



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8983 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

**BICHAS EM CAMPO: REGIME DE VISIBILIDADE E CONHECIMENTO DISRUPTIVO A PARTIR DA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA**

Tiago Duque - UFMS/Campus de Campo Grande - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

**BICHAS EM CAMPO: REGIME DE VISIBILIDADE E CONHECIMENTO DISRUPTIVO A PARTIR DA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA**

**Resumo:**

Este trabalho analisa um jogo de futebol anual composto por gays e travestis na região da fronteira Brasil-Bolívia. Seu objetivo é analisar a pedagogia cultural deste evento considerando o seu currículo de gênero e sexualidade. A perspectiva teórica é a pós-crítica e as metodologias utilizadas são a entrevista semiestruturada e a etnografia on-line e off-line. A partir dos dados, chega-se à conclusão de que a pedagogia ocorre por meio de um regime de visibilidade de gênero que possui um currículo cultural futebolístico que antecede o evento, assim como precisa ser compreendido a partir da localização fronteiriça que envolve bichas e “não LGBTs”. Conclui-se ainda que esse regime, didaticamente, por meio do riso e da demarcação de nacionalidade, produz bichas aceitáveis em detrimento daquelas que “não se dão o respeito” ou de um “outro” boliviano preconceituoso. A aposta pós-identitária da análise é na importância das reflexões que levem a conhecimentos disruptivos dos processos de produção hierarquizados das diferenças.

**Palavras Chaves:** Educação; Futebol; Gênero; Sexualidade; Fronteira.

O objetivo deste trabalho é apresentar parte dos dados finais de uma pesquisa que se propôs a estudar gênero, sexualidade e diferenças na fronteira Brasil-Bolívia. Aqui, analisar-se-á a experiência do Amistoso da Diversidade, uma partida de futebol anual composta por dois times formados exclusivamente por gays e travestis, sendo um da cidade de Ladário (“Poderosas”) e o outro de Corumbá (“Imbatíveis”), ambas em Mato Grosso do Sul.

Interessa-me analisar a forma como a pedagogia cultural em torno do amistoso permite compreender uma espécie de currículo produtor de diferenças nacionalizadas, generificadas e sexualizadas nesta região fronteiriça. Para tanto, do ponto de vista teórico-metodológico, adoto o que, no campo da Educação, tem sido chamado de estudos pós-críticos. Para o levantamento de dados, utilizo-me de entrevistas semiestruturadas e etnografia on-line e etnografia off-line, entendendo essas duas realidades como relacionais e não em oposição (PARAÍSO, 2014).

A região brasileira onde desenvolvo este estudo é caracterizada pela marca fronteiriça, muitas vezes associada ao ilícito, à miscigenação, à violência e à ameaça nacional (OLIVEIRA, CAMPOS, 2012). Ao mesmo tempo, considerando Corumbá e Ladário como parte do Pantanal, essa região torna-se, em termos turísticos e midiáticos, muito valorizada (RIBEIRO, 2015). Nesse contexto de significações, tem sido comum escutar, quando o assunto é diferenças – inclusive de gênero e sexualidade –, que a região não é preconceituosa. No entanto, atribui-se à Bolívia um preconceito contra gênero e sexualidade que não existira do lado brasileiro. Por causa disso, já escutei que “lá [do outro lado da fronteira] não tem gay”.

Segundo os dados, essa ideia de uma região nacional não preconceituosa justifica-se a partir de um certo regime de visibilidade de gênero que faz com que gays e travestis, igualmente, sejam valorizadas na cidade. São esses mesmos dados que me permitem afirmar que esse regime não se explica por uma diferenciação em termos de “cis” (gays) e “trans” (travestis). Não parece fazer sentido uma análise diferenciadora em termos cis/trans para a compreensão do regime aqui em tela, sendo necessário problematizar interpretações que apontariam, de antemão, a um certo “privilégio cis” (FAVERO, 2020). Na região, para se referir a essas duas categorias também é utilizado o termo “bicha”, que adotarei a partir de agora.

Ao referir-me a regime de visibilidade (MISKOLCI, 2014), estou pensando em certas relações de poder que não implicam em proibições diretas, ainda que sanções possam existir. Antes, em formas culturais pedagógicas indiretas e sofisticadas, altamente eficazes na gestão do que é aprendido e ensinado sobre o aceitável na vida cotidiana. Dito de outro modo, esse regime possui um currículo cultural que produz valor e saber; regula condutas e modos de ser, fabrica identidades e representações, constitui certas relações de poder (SABAT, 2001; SILVA, 2013).

O amistoso tem um modo de ser concretizado que envolve apoio governamental e de empresárias(os) locais “não LGBT”. Tanto a rede de apoio como o público da atividade são compostos por pessoas da “comunidade” e da “sociedade”. Essa separação, pelo que pude perceber etnograficamente, é um dado analítico e não necessariamente verbalizado ou percebido pelas participantes da pesquisa. Quando bichas se referiram à “comunidade”, entendi que eram pessoas de classe social menos privilegiadas, inclusive pequenos comerciantes; sendo a “sociedade” referência às pessoas mais ricas, empresários(as) “finíssimos(as)”. A marca de raça/cor/etnia também demarca essa diferenciação, sendo a classificação “sociedade” direcionada a pessoas mais claras, com menos fenótipos negros ou indígenas.

O apoio e a presença da “comunidade” e da “sociedade” no evento indicam o quanto o jogo em questão é um sucesso de público e organização. Mas, em termos de sua historicidade, ele já foi bem menos alvo de prestígio social. Antes, há pouco mais de 10 anos, ele era realizado na cidade de Ladário, e comumente havia brigas entre as torcidas, o que exigia, inclusive, a presença da polícia. Nos últimos anos, ele passou a ser realizado em Corumbá, com o diferenciador de ter saído de um campo de futebol aberto para ser feito em um lugar

que possibilita a cobrança de uma entrada – bastante acessível – para o público.

Proponho compreender o amistoso localizando-o a partir de um currículo cultural que o antecede. Não se trata de hierarquizações de conteúdo; antes, de redes de significação em contextos de relações de poder muito bem delimitados. O futebol é um esporte altamente popularizado, racializado e historicamente associado a classes mais baixas economicamente, mas, acima de tudo, masculinizado. Sabe-se que, em termos curriculares futebolísticos, parte do principal conteúdo é “a constatação desvalorização das práticas homoeróticas, especialmente aquelas ligadas à passividade” (BANDEIRA, 2019, p. 100). Ainda assim, o currículo é campo de disputas e há imprevisibilidade em como se apropriar de determinados conteúdos. Não por acaso, “o comportamento emotivo é o que singulariza a condição de torcedor no contexto do futebol” (RIOS; COELHO, 2020, p. 8)

Esse currículo dá o tom do programa em curso na produção das diferenças a partir dos dois times aqui citados, formados exclusivamente por bichas. Por exemplo, conforme o que escutei durante uma das edições do amistoso, o povo vai “ver as bichas só para dar risada”. Considerando as expectativas curriculares em termos de gênero e sexualidade, se as jogadoras erram, o público ri (é esperado que elas errem o passe), e se elas acertam, o público também ri (é inesperado que elas acertem o passe). Por isso, a expectativa do público é sempre atingida pelas jogadoras em campo. Além disso, sendo dois times rivais, de cidades brasileiras vizinhas, cada torcida se une a partir da identificação da localidade, para torcer e rir, independentemente dos times profissionais que cada um comumente torce.

O riso, comum ao evento, é entendido aqui como uma experiência cultural altamente vinculada a relações de poder e de produção de diferenças (MINOIS, 2003). Há, portanto, uma visibilidade de gênero no campo do risível, de certo entretenimento, muito valorizado na cidade. O riso é uma marca diferenciadora corumbaense, pois ela é conhecida como a cidade da alegria. Esse riso é localizado no campo da festa, da celebração de uma identidade positivada que se contrapõe aos valores negativos associados à fronteira. Observando o público de uma das partidas do amistoso, percebi que riem crianças e jovens, famílias inteiras, idosos(as) também. As próprias jogadoras se divertem em campo.

Uma informação ensinada e aprendida por diferentes pessoas da cidade de Corumbá é que lá “é todo mundo junto e misturado”, como se fosse, por isso, um lugar sem preconceitos contra bichas ou outros perfis sociais. A presença de bichas na cidade se dá, especialmente, em eventos muito valorizados pela população local, como o carnaval, o concurso de quadrilhas juninas e as apresentações de fanfarras escolares. Em todos eles há a forte presença delas na criação, organização, realização e execução. Mesmo em eventos mais específicos dos “LGBT”, como o Musa Gay do Carnaval, Miss Corumbá Gay ou o próprio Amistoso da Diversidade, conforme já apontado, os frequentadores são parte da população geral. Escutei em campo que na cidade os eventos são feitos “por gays”, mas não “para gays”.

Evidentemente que as bichas estão, nesse sentido, envolvidas em um processo de diferenciação que as reconhece e as valoriza; ser risível aqui não necessariamente significa ser desprezível, humilhada ou desqualificada. Segundo Butler, “o reconhecimento é uma relação intersubjetiva, e, para um indivíduo reconhecer o outro, ele tem que recorrer a campos existentes de inteligibilidade” (2010, p. 168). Esses campos de inteligibilidade são entendidos como fazendo parte do currículo cultural binário em termos de gênero e sexualidade. Ainda que bichas não cumpram integralmente com esse currículo, por não terem a linearidade entre “sexo”, gênero e desejo esperada, estas bichas participantes do amistoso tampouco se tornam, neste contexto, abjetas, isto é, não ameaçam a produção de diferenças binárias (BUTLER, 2003).

Esse regime de visibilidade de gênero tem várias marcas de diferenciação, como o da

nacionalidade. Assim, além da alegria, a produção das diferenças também se caracteriza por uma diferenciação diante de um “brasileiro” e um “outro” boliviano “preconceituoso”. A “comunidade” e a “sociedade” fazem parte desse regime que envolve bichas, portanto as pessoas “não LGBT” não estão fora dele. Por isso, posso afirmar, pós-identitariamente, que esse regime tem um programa com conteúdo curricular que interessa às duas cidades como um todo, mesmo porque “conduzir e conectar corpos e vidas é efeito das artimanhas de um currículo, é efeito da pedagogia que lhe é específica, efeito de suas vontades de sujeito” (MAKNAMARA, 2020, p. 61-62).

Pedagogicamente, o amistoso, como outros eventos feitos “por” bichas na região, produz, via o regime de visibilidade de gênero aqui caracterizado, uma realidade fronteira menos estigmatizada, ainda que, em termos de diferença, bastante hierarquizada. Mas, esse “outro” menos valorizado não é apenas morador ou nascido do outro lado da fronteira. São também brasileiras bichas que não estão atuando nesta didática da diferença, como aquelas que “não se dão o respeito” (que estão se prostituindo na rua) ou se recusam (por escolha ou por não terem opção) a envolver-se nos eventos; ainda assim, por existirem fora desse campo de reconhecimento valorado de gênero, fazem o contraponto para a sua própria reprodução cultural (com tudo o que há de contingente nela).

Uma reflexão pós-identitária na educação nos permite exatamente isso: conhecer aquilo que não se dá a conhecer, não por estar oculto, mas por caracterizar-se como aquele conhecimento não suportável no currículo e na pedagogia cultural (LOURO, 1997). Por outro lado, não se trata de buscar resolver os problemas das limitações dos processos de reconhecimento com mais conhecimento. Antes, o que talvez possa ser uma aposta, é o conhecimento disruptivo, isto é, que interrompa certos programas curriculares e didáticas de produção das diferenças em termos opressivos (KUMASHIRO, 2000). Isso implicaria, talvez, não em denunciar a produção de bichas risíveis e reconhecidamente aceitas, mas nos questionar: no funcionamento pedagógico da produção da diferença por meio desse regime de visibilidade de gênero, quais vidas ficam de fora da valorização social?

Concluo afirmando que, considerando a experiência do amistoso e a forma como a pedagogia cultural atua visibilizando bichas valorativamente, ela produz, curricularmente, diferenças nacionalizadas de formas hierárquicas e, ao mesmo tempo, mantém certo binarismo enquanto um programa conservador de reconhecimento de gênero, empurrando para o campo da abjeção experiências mais dissidentes em termos de gênero e sexualidade, isto é, “não respeitáveis”. O conhecimento disruptivo desses processos pode ser colocado em curso por abordagens político-teórico-metodológicas do campo pós-crítico da educação, que, mais do que celebrar as diferenças (ainda que isso seja também necessário), poderão permitir entender melhor os contextos hierárquicos em que elas são pedagogicamente produzidas.

## Referências Bibliográficas

BANDEIRA, G. A. **Uma história do torcer no presente: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol**. Curitiba: Appris, 2019.

BUTLER, J. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. Entrevista concedida a Patrícia Porchat Pereira da Silva Kunudsen. **Revista Estudos Feministas**, v.18,

n.1, p. 161-170, 2010.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FAVERO, S. Cisgeneridades precárias: raça, gênero e sexualidade na contramão da política do relato. **Bagoas** – Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 13, n. 20, 2020.

KUMASHIRO, K. K. Toward a theory of anti-oppressive education. **Review of Educational Research**, v. 70, n.1, p. 25-53, 2000.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAKNAMARA, M. Quando artefatos culturais fazem-se currículo e produzem sujeitos. **Reflexão e Ação**. v. 27, n. 1, p. 04-18, maio/ago. 2020.

MINOIS, G. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

MISKOLCI, R. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. **Bagoas** – Estudos gays, gêneros e sexualidades, v.8, n.11, p. 51-78, 2014.

OLIVEIRA, M. A. M; CAMPOS, D. L. Migrantes e Fronteira: lógicas subvertidas, vidas refeitas. *In*: PEREIRA, J. H. do V.; OLIVERIA, M. A. M. (Orgs). **Migração e Integração** – Resultados de pesquisa em Mato Grosso do Sul. Dourados: Ed UFGD, 2012. p. 17-37.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias. *In*: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 25-47.

RIBEIRO, M. A. **Entre cheias e vazantes: a produção de geografias no Pantanal**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2015.

RIOS, F. D. da S.; COLEHO, M. C. P. Emoção e masculinidade no universo do futebol no Brasil. **Cadernos Pagu**, n. 58, p. 1-35, 2020.

SABAT, R. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 04-21, 2001.

SILVA, T. T. da. Currículo e identidade social: territórios contestados. *In*: \_\_\_\_\_ (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 185-201.